

7.08.01 - Educação / Fundamentos da Educação

PROCESSO DE ESCRITURA: ESCRITA COLABORATIVA COM UM GRUPO DE CRIANÇAS DE 5 ANOS

Célia Cristina Monteiro de Oliveira
Professora/Técnica da Coordenação Geral de Educação Infantil -
Secretaria Municipal de Educação de Maceió

Resumo:

Neste trabalho, buscamos refletir e analisar sobre a rasura oral em situação de escrita colaborativa em que a professora escreve, enquanto crianças ainda não alfabetizadas ditam o texto, através do recorte de vídeo de uma sala de Educação Infantil de uma escola pública da rede municipal de Maceió-AL, com um grupo de 20 crianças na faixa etária de 5 anos.

A reflexão leva para o estabelecimento da relação entre o ato de ler e escrever para crianças pequenas e as implicações na produção textual do gênero biográfico. Nessa perspectiva, observamos a relação das crianças com a leitura e a escrita a partir da mediação da professora, de modo que a apropriação da aquisição da linguagem escrita pelas crianças, acontecia por intermédio de atividades planejadas para elas, em que a função social da escrita era significativa.

Refletimos sobre a importância da produção de texto para crianças pequenas tendo a professora como escriba e o surgimento da rasura oral na produção de texto em escrita colaborativa.

Palavras-chave: Rasura; Escriba; Autoria.

Apoio financeiro: Secretaria Municipal de Educação de Maceió - SEMED.

Introdução:

Na educação infantil, as crianças encontram-se na fase inicial de uma escrita constituída, ainda, de garatuhas, necessitando que a professora proporcione vários eventos de leitura e escrita para elas, ora tendo a professora como escriba, ora as próprias crianças exercendo o papel de autoras, em experiências de escrita, mesmo antes de estarem alfabetizadas.

O trabalho com a linguagem escrita abrange outras dimensões que não abarcam somente a aprendizagem das relações linguísticas. Nesse sentido, o processo de alfabetização implica, desde a sua gênese, a constituição do sentido, implica, mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho da escritura – para quem eu escrevo o que eu escrevo e por quê? Desse modo, segundo Kaufman (1998), as crianças se apropriam de sentidos produzidos socialmente, revelando, por meio do trabalho de escritura, como elaboram o discurso social, mesmo antes de compreender as relações entre as unidades menores da língua.

O conceito de rasura neste trabalho toma como parâmetro o estudo de Calil (2004) analisa as rasuras nas práticas de textualização, a partir de uma reflexão sobre o papel da escola em relação ao texto que o aluno produz exigindo que seja coerente, criativo e original. Defende a possibilidade de interpretação, uma vez que contempla a possibilidade do “imprevisível”, da “equivocidade”, do “não saber”. Nesse sentido as “rasuras” presentes nestas práticas são entendidas como coisas que sobram:

O sentido de “rasura” está fortemente ligado à escrita. Ao se falar da rasura tem-se a imagem de um texto sujo cheio de marcas, rabiscos, borrões, setas, asteriscos, chaves etc. Algo que foi escrito e rasurado posto à margem, mas que apresenta uma certa resistência, pois continua presente e produzindo efeitos, embora se mostre através do silenciamento, do apagamento, do deslocamento, da negação daquilo que estava lá ou que poderia estar (CALIL, 2004, p. 59).

A rasura como um processo constitutivo necessário e inerente à escrita acontece movida pela língua nas possibilidades de atribuição de sentido. Para Willemart (1993), a rasura é considerada uma importante pista para o entendimento da questão da autoria.

Este trabalho se propôs refletir sobre a importância da produção de texto para crianças pequenas tendo a professora como escriba, e, analisar o surgimento da rasura oral na produção de texto em escrita colaborativa com crianças pequenas.

Metodologia:

O evento de fala trazido para reflexão sobre a rasura é resultado do “Projeto Biografia: sou cidadão,

tenho história"¹ em que se desenvolveu filmagens das atividades de leitura e escrita em uma sala de educação infantil, tendo como foco o movimento de escrituração de textos ditados pelas crianças à professora escriba. Ocorreu em um Centro Municipal de Educação Infantil da periferia de Maceió, com um grupo de 20 crianças de cinco anos. A reflexão incide sobre o movimento de rasura nos aspectos discursivos do texto, suas implicações na imprevisibilidade de construção de sentido do produto final.

Foi acordado pelo grupo que seria construído um livro com a biografia de todos, teria como inspiração para a "memória discursiva" das crianças a leitura das biografias dos autores dos títulos escolhidos para serem lidos nos eventos de leitura da rotina semanal, de acordo com Oliveira (2015) "é necessário que a escola garanta a leitura em classe de modo a tornar fértil o imaginário das crianças com os discursos constituídos culturalmente".

Os episódios foram filmados com câmera digital Sony, a maioria das filmagens foram realizadas pelas crianças (algumas filmagens aparecem apenas os pés, teto ou imagem aleatória - servindo para análise o áudio), pois a professora não dispunha de tripé. Não havia exigência metodológica no uso do equipamento, a intenção era que as crianças aprendessem a usá-lo e pudessem se ver depois, o que provocou altas gargalhadas ao se depararem com imagens distorcidas e fora de foco. O vídeo utilizado para análise foi realizado por um adulto que se propôs em colaborar com o projeto, e em alguns momentos colaborou com o grupo.

O registro de nascimento de cada criança fez parte do repertório textual de leitura, portador de texto com várias informações sobre a origem das crianças, o que possibilitou que buscassem informações nele com o auxílio da professora; os registros das biografias das crianças pela professora em escrita colaborativa foram realizados usando escrita em papel 40, notebook, papel A4 e pincel atômico. Conforme fotos abaixo:



Foto 1 - leitura do registro de nascimento da criança.



Foto 2 - Digitção da biografia.

Os episódios de escrita das biografias foram organizados para serem escritos duas vezes por semana, seguiria a ordem alfabética, um dia para cada criança, até completar com a escrita de todos. Contudo, quando a criança que estava na ordem do dia para a escrita faltava, seguia a ordem com a criança da letra seguinte. As biografias foram escritas de três formas: escrita em papel 40, digitadas diretamente no notebook em tempo real e gravada na câmara - esta ficou inviável para fazer a escuta e escrita, pois as crianças falaram muito e não teria como a professora dar conta de digitar - 10 escritas em papel 40, 8 digitadas e 2 gravadas.

No final do ano todas levaram um livro com todas as biografias do grupo tendo a foto de cada criança.

Resultados e Discussão:

Professora e crianças sentadas no chão em semi círculo. No trecho a seguir, podemos perceber a ocorrência de uma rasura oral no discurso da professora, ao verbalizar as palavras "bibliografia" e "bibliográfico" quando anunciava qual biografia seria escrita no dia.

Episódio 1:

"Hoje nós vamos escrever a bibliografia do Lucas . Todos lembram o que é um texto bibliográfico?"

"Desculpem-me, texto bibliográfico é um outro gênero, em outro momento trataremos esse tipo de texto, combinado?" As crianças concordaram.

¹ O referido projeto foi premiado em 1º lugar na categoria Educação Infantil do "Prêmio Construindo a Nação", promovido pelo Sesi-Maceió-AL, em 2012/2013.

“O gênero que estamos trabalhando é o biográfico. O que é um texto biográfico?”
“é aquilo que conta a história, conta a história das pessoas”. Lucas responde quase gritando!
“Como nós vamos falar de uma forma mais elaborada?” (houve algumas sugestões das crianças).
“Vamos dizer... É aquilo?”
“É texto que conta a história da gente! Eu sei! (Gritou Lucas)
“É gênero textual que conta a história das pessoas” Não vamos dizer: é aquilo...
“Isso, sim”.(Ele afirmou).

Parece-nos que a rasura oral por parte da professora se deu pelo fato de as palavras serem parecidas (homofonia). No entanto, o fato provocou uma discussão produtiva que levou a utilização em sala de aula de outro gênero textual que não estava no cronograma, possibilitando que as crianças levantassem hipóteses sobre esse outro gênero "bibliografia" e seu uso.

Outro momento observado ainda nessa interlocução foi uma discussão sobre o sentido de gênero masculino e feminino, quando a professora fez a leitura do registro de nascimento de Lucas - 5a/9m², criança que teria a biografia escrita no dia. A professora lê o cabeçalho do registro de Larissa e destaca a palavra SEXO - FEMININO.

Episódio 2:

“O Lucas nasceu do sexo masculino, no dia...” Ele disse com veemência:
“É... menino é masculino e menina é feminina. Menino, menina.”
“Todos concordam com o Lucas?”
“Feminina corresponde a menina?”
(Houve resposta negativa e positiva. Para dirimir a confusão, a profa. Sugere a leitura do enunciado constante do registro de uma das alunas):
“Nascida do sexo feminino”.
[...]
“A palavra sexo é masculina, mas concorda tanto para os meninos como para as meninas” (a profa. escreve na folha as palavras: sexo masculino e sexo feminino, fazendo uma seta indicando a vogal O).



Foto 3 - Escrita da biografia de Lucas.



Foto 4 - Leitura do registro de Larissa.

Parece ter havido um deslizamento entre o significante, que por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão, que ao evocar o termo “sexo” sugere a definição de gênero masculino feminino. Os significantes, nesse caso, articulam-se metonimicamente, uma vez que

A estrutura sintagmática ou metonímica organiza a consecução da frase. Trata-se do encadeamento de elementos sucessivos, relações estas que se dão in praesentia. A estrutura paradigmática ou metafórica, por sua vez, implica na substituição de um

² Os nomes são reais pois foram autorizados pelos pais.

elemento por outro, substituições que ocorrem por similaridade fonética, semântica ou sintática e ocorrem in absentia (FELIPETO e LOPES, 2012, p.6).

A aquisição da linguagem tem na singularidade da fala da criança cujo efeito desconcertante e inesperado. Os erros resultados dos cruzamentos da fala do outro nos enunciados da criança que colocam novamente em xeque um possível conhecimento linguístico por parte da criança na sua fala e na fala do outro.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato e formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realiza através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1995, p.98).

Para ele, o diálogo é uma das formas mais importantes da interação verbal, podendo ser compreendido não só por meio da palavra dita em voz alta, como também em toda forma de comunicação verbal. Não há comunicação sem o outro. O autor coloca a questão de alteridade como a presença de um outro discurso no interior do discurso enunciado. O extraverbal, em seu conteúdo social, é constituinte necessário das estruturas semânticas do enunciado.

Conclusões:

Considerando a interação verbal proposta por Bakhtin, a língua é parte essencial da condição humana. A linguagem é historicamente constituída e o sujeito está submetido aos enunciados comunicativos constitutivo dessa interação verbal. A consciência de alteridade é condição básica para a identidade do eu, é a possibilidade de entender o dinamismo das relações sociointeracionais e os valores dialéticos da sociedade. A enunciação é o produto da interação social e, quando individual, por mais primitiva que seja, é representação do ponto de vista do seu conteúdo. Nesse sentido, a linguagem é uma interação verbal que constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte.

Posto assim, podemos afirmar que o trabalho de leitura e escrita proposto pela professora ao grupo de crianças teve relevância no sentido de que possibilitou a ampliação de repertórios linguísticos das crianças. À medida que iam construindo suas narrativas as ideias surgiam entre o real das informações contidas no registro de nascimento e o imaginário simbólico das narrativas que se misturavam aos personagens das histórias ouvidas e lidas, como história narrada em posição de autoria.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

CALIL, Eduardo. Rasura oral e autonomia no processo de escritura. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 207-221, 2004.

FABRE, Claudine. Des variantes de brouillon au cors préparatoire. Études de Linguistique Appliquée (E.L.A), n.62, p.59-79, 1986.

FELIPETO, C. ; LOPES, A. A. Posições singulares do 'l' em reescritas de fábulas produzidas por alunos do 3º ano do ensino fundamental. Alfa, São Paulo, 56 (2): 653-671, 2012.

OLIVEIRA, C. C. M. O manuscrito escolar e as funções da rasura na escrita colaborativa de uma díade do segundo ano do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado - defendida em 2015. Universidade Federal de Alagoas.

KAUFMAN, A. M. Alfabetização de crianças; construção e intercâmbio - experiências pedagógicas na educação infantil e no ensino fundamental. 7 ed. - Porto alegre: Artes Médicas, 1998.